



O discurso instrucional de sistemas de IA generativa e suas estratégias argumentativas: uma análise semiolinguística de chatbots pedagógicos

Bruno José Betti Galasso

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil

orcid.org/0000-0002-3677-7650

Este artigo propõe e aplica um quadro analítico semiolinguístico e retórico ao discurso instrucional de sistemas de inteligência artificial generativa em contextos pedagógicos. Articulando a Semiolinguística de Charaudeau, o *Ethos* discursivo de Amossy e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, analisamos 100 interações pedagógicas com ChatGPT, Gemini e Claude. Os resultados revelam quatro estratégias articuladas: um *Ethos* maquinico, sustentado na supressão sistemática de marcadores de incerteza; um *pathos* algorítmico, que pacifica o interlocutor mediante reforço positivo automatizado e gestão emocional performática; um *logos* falacioso, que mobiliza argumentos quase-lógicos cujo caso extremo são as alucinações retoricamente integradas; e um contrato de comunicação didática alterado, que preserva a forma do contrato pedagógico enquanto substitui a intersubjetividade genuína por uma simulação estatística. Discutem-se as implicações para a pesquisa em argumentação e para o letramento crítico em IA.

Palavras-chave: Semiolinguística. Chatbots pedagógicos. *Ethos* discursivo. Argumentação. Inteligência artificial generativa.

El discurso instruccional de los sistemas de IA generativa y sus estrategias argumentativas: un análisis semiolingüístico de chatbots pedagógicos

Este artículo propone y aplica un marco analítico semiolingüístico y retórico al discurso instruccional de sistemas de inteligencia artificial generativa en contextos pedagógicos. Articulando la Semiolingüística de Charaudeau, el *Ethos* discursivo de Amossy y la Nueva Retórica de Perelman y Olbrechts-Tyteca, se analizan 100 interacciones pedagógicas con ChatGPT, Gemini y Claude. Los resultados revelan cuatro estrategias articuladas: un *Ethos* maquinico, sustentado en la supresión sistemática de marcadores de incertidumbre; un *pathos* algorítmico, que pacifica al interlocutor mediante refuerzo positivo automatizado y gestión emocional performativa; un *logos* falaz, que moviliza argumentos cuasi-lógicos cuyo caso extremo son las alucinaciones retóricamente integradas; y un contrato de comunicación didáctica alterado, que preserva la forma del contrato pedagógico mientras sustituye la intersubjetividad genuina por una simulación estadística. Se discuten las implicaciones para la investigación en argumentación y la alfabetización crítica en IA.

Palabras clave: Semiolingüística. Chatbots pedagógicos. *Ethos* discursivo. Argumentación. Inteligencia artificial generativa.

The Instructional Discourse of Generative AI Systems and Their Argumentative Strategies: A Semiolinguistic Analysis of Pedagogical Chatbots

This article proposes and applies a semiolinguistic and rhetorical analytical framework to the instructional discourse of generative artificial intelligence systems in pedagogical contexts. Drawing on Charaudeau's Semiolinguistics, Amossy's theory of discursive *Ethos*, and Perelman and Olbrechts-Tyteca's New Rhetoric, we analyze 100 pedagogical interactions with ChatGPT, Gemini, and Claude. The results reveal four articulated strategies: a machinic *Ethos* built on the systematic suppression of uncertainty markers; an

algorithmic *pathos* that pacifies the interlocutor through automated positive reinforcement and performative emotional management; a fallacious *logos* that mobilizes quasi-logical arguments whose extreme case is the rhetorically integrated hallucination; and an altered didactic communication contract, which preserves the form of the pedagogical contract while replacing genuine intersubjectivity with a statistical simulation. Implications for argumentation research and critical AI literacy are discussed.

Keywords: Semiolinguistics. Pedagogical chatbots. Discursive Ethos. Argumentation. Generative artificial intelligence.

Introdução

A irrupção dos sistemas de inteligência artificial generativa no cotidiano educacional produziu um fenômeno discursivo sem precedentes: pela primeira vez na história da pedagogia, uma entidade não humana ocupa, de maneira sistemática e em larga escala, o papel de interlocutor instrucional. ChatGPT, Gemini, Claude e congêneres não se limitam a recuperar informações: constroem enunciados, organizam argumentos, antecipam objeções, adotam estratégias de persuasão e edificam, turno a turno, uma imagem de si mesmos como agentes confiáveis de transmissão de saber. É esse processo de construção discursiva que constitui o objeto deste artigo.

Do ponto de vista dos estudos do discurso e da argumentação, a questão fundamental não é tecnológica; não se trata de avaliar a eficiência dos algoritmos, mas semiolinguística e retórica: como esses sistemas produzem discurso? Que estratégias argumentativas mobilizam para construir credibilidade, organizar a transmissão de conhecimento e estabelecer um contrato comunicativo com o interlocutor humano? Em que medida o discurso instrucional de uma IA generativa replica, subverte ou reconfigura os padrões do discurso pedagógico humano? São essas as perguntas que este trabalho se propõe a investigar.

Para respondê-las, recorreremos ao quadro teórico da Semiolinguística de Patrick Charaudeau (1983, 2006, 2007, 2023), que oferece instrumentos analíticos precisos para descrever os contratos de comunicação, as visadas discursivas e os imaginários sociodiscursivos que organizam qualquer troca linguageira. Articulamos essa perspectiva com a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), em especial com a teoria dos argumentos quase-lógicos e da construção do auditório, e com a teoria do *Ethos* discursivo, segundo Ruth Amossy (2010, 2011, 2012), que permite analisar como os locutores constroem sua imagem de credibilidade no e pelo discurso.

A relevância do objeto se justifica em múltiplas dimensões. No plano educacional, os chatbots pedagógicos são cada vez mais utilizados como tutores, corretores, explicadores e interlocutores de aprendizagem, em contextos que vão do ensino básico ao superior e da língua materna às ciências exatas (Loiola *et al.*, 2024; Abrantes da Silva, 2025). No plano discursivo, esses sistemas produzem um tipo de enunciação radicalmente novo: não possuem subjetividade empírica, mas constroem uma subjetividade discursiva; não raciocinam, mas estruturam raciocínios; não sabem, mas afirmam com precisão. Esse paradoxo, o de um locutor sem sujeito que, apesar disso, produz efeitos de autoridade e de verdade, é o que nos mobiliza teoricamente.

No plano da pesquisa em linguagem, identificamos uma lacuna significativa. Os estudos sobre inteligência artificial e linguagem têm privilegiado, majoritariamente, abordagens de base computacional, designadas como linguística computacional no âmbito dos estudos da linguagem e como processamento de linguagem natural no âmbito das ciências da computação, cujo foco recai sobre os aspectos técnicos da geração de texto (Huang *et al.*, 2025). Os estudos críticos do discurso, por sua vez, têm examinado as relações de poder e de ideologia nos sistemas de IA (Ahmed; Mahmood, 2024; Gillings; Kohn; Mautner, 2025), e estudos bakhtinianos recentes abordaram a questão do dialogismo nos chatbots (Duque-Pereira; Moura, 2025). No entanto, a perspectiva semiolinguística de Charaudeau, com sua ênfase no contrato de comunicação e nas visadas discursivas, não foi sistematicamente aplicada a sistemas de IA generativa, nem em perspectiva nacional nem internacional. Este artigo pretende preencher essa lacuna.

Nossa hipótese central é que o discurso instrucional de sistemas de IA generativa opera por meio de quatro estratégias articuladas: (1) a construção de um *Ethos* maquínico (uma imagem de si edificada sobre marcadores de precisão, objetividade e onisciência) que produz efeitos de autoridade epistêmica análogos, mas não equivalentes, ao *Ethos* do professor humano; (2) a mobilização de um *pathos* algorítmico, um conjunto de estratégias de gestão emocional automatizadas que pacificam o interlocutor e reduzem sua vigilância crítica mediante reforço positivo, simulação de rapport e gestão performática da frustração; (3) a mobilização de argumentos quase-lógicos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005) que simulam encadeamentos lógicos sem que a validade das premissas seja garantida, o que, quando combinado com o fenômeno das alucinações, produz o que denominamos *logos* falacioso; e (4) a instauração de um contrato de comunicação didática alterado,

no qual as visadas de instrução e de incitação (Charaudeau, 1983) são operacionalizadas por um agente que não possui acesso ao contexto real do interlocutor, substituindo a intersubjetividade pedagógica genuína por uma simulação de adaptação.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se fundamenta na análise qualitativa de um *corpus* de 100 turnos de interação pedagógica com três sistemas de IA generativa: ChatGPT (GPT-4o), Gemini 1.5 Pro e Claude 3.5 Sonnet, coletados em situações estruturadas de tutoria em língua portuguesa. Os dados foram organizados em categorias analíticas derivadas do quadro teórico e analisados segundo os procedimentos da análise semiolinguística do discurso.

O artigo está organizado da seguinte maneira: após esta introdução, apresentamos o quadro teórico, articulando os conceitos de contrato de comunicação, visadas discursivas, *Ethos* discursivo e argumentos quase-lógicos; em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos; na seção de resultados e discussão, analisamos o *corpus* à luz das quatro categorias analíticas propostas; concluímos com considerações sobre as implicações do estudo para o ensino e para a pesquisa em argumentação e discurso.

1 Fundamentação teórica

1.1 Semiolinguística e o contrato de comunicação

A Semiolinguística, tal como sistematizada por Patrick Charaudeau desde sua obra fundadora (1983), parte de uma premissa epistemológica que a distingue de outras abordagens da linguagem: o sentido não está nos signos, nem nos sujeitos isolados, mas na relação que se estabelece entre eles em uma determinada situação de comunicação. Todo ato de linguagem é, simultaneamente, um ato de enunciação (produzido por um sujeito falante concreto) e um ato de discurso, organizado segundo as normas e as expectativas de uma situação social específica. Essa dupla dimensão é o que a Semiolinguística denomina o circuito da fala (*circuit de la parole*), no qual o sujeito comunicante (EUC) e o sujeito enunciador (EUE) habitam posições distintas, assim como o sujeito interpretante (TUI) e o sujeito destinatário (TUD) (Charaudeau, 2006).

A distinção entre EUC e EUE tem consequências teóricas profundas que, no caso da IA generativa, atingem proporções que a teoria não havia antecipado. No discurso

humano, a distância entre o sujeito comunicante e o sujeito enunciador é o espaço onde se instalam a intencionalidade, a responsabilidade discursiva e a má-fé: o advogado que fala como profissional, mas pensa como pai; o professor que ensina como especialista, mas é atravessado por suas convicções pessoais. O EUE é sempre a máscara, necessária e legítima, que o EUC veste para participar de um contrato de comunicação específico. A distância entre os dois não anula o EUC: ele permanece presente como horizonte de responsabilidade, como instância que pode ser interpelada e responsabilizada pelo que o EUE diz.

No caso dos sistemas de IA generativa, essa estrutura se rompe de maneira radical. O EUE existe (o "professor", o "especialista", o "tutor atencioso") e existe com toda a aparência de solidez discursiva: usa as palavras certas, adota as modalidades adequadas, estrutura o discurso segundo os padrões do contrato didático. Mas o EUC que deveria habitá-lo está ausente. Não há sujeito de carne e osso, nem sequer um sujeito institucional identificável, que assuma o discurso como seu e possa ser responsabilizado por ele. Há, em seu lugar, um EUC fraturado e coletivo: a corporação (OpenAI, Google, Anthropic), o conjunto de textos humanos que compuseram os dados de treinamento, o algoritmo de geração probabilística de linguagem. Nenhum desses elementos constitui, individualmente ou em conjunto, um EUC no sentido que Charaudeau atribui ao termo, um sujeito que reconhece o contrato, que pode ser interpelado e que responde pelo que disse.

O resultado é o que propomos designar como EUE hipertrofiado sobre EUC ausente: um enunciador que existe discursivamente em toda a sua plenitude funcional, mas que flutua sem âncora subjetiva. Essa configuração é inédita na história das práticas comunicativas humanas. As formas anteriores de discurso sem sujeito visível: o discurso institucional, o texto burocrático e a lei, sempre mantinham a possibilidade teórica de identificar os sujeitos que os habitavam. A IA generativa rompe essa possibilidade estruturalmente, não contingentemente. É precisamente essa ruptura que torna o contrato de comunicação didática que ela instaura fundamentalmente diferente do contrato pedagógico humano: no plano da superfície enunciativa, tudo se parece; no plano do circuito da fala, a estrutura é outra.

O conceito central desse quadro é o de contrato de comunicação: um conjunto de restrições e de normas (implícitas ou explícitas) que os parceiros de uma troca linguageira reconhecem como válidas e às quais aderem para que a comunicação seja possível. Todo contrato de comunicação define: (a) as identidades e os papéis dos

parceiros; (b) a finalidade da troca (a visada); (c) o domínio temático legítimo; e (d) o dispositivo que enquadra materialmente o intercâmbio. A importância dessa noção para nossa análise é imediata: os sistemas de IA generativa funcionam como locutores que, embora sem subjetividade empírica, participam de contratos de comunicação predefinidos, especialmente o contrato didático, que organiza as relações de transmissão de saber.

As visadas discursivas (*visées discursives*) são, no interior do contrato, os modos pelos quais o sujeito enunciador orienta seu discurso em relação ao interlocutor. Charaudeau (1983, 2006) identifica, entre as visadas fundamentais: a visada de informação (fazer saber); a visada de instrução (fazer fazer, orientar a conduta); a visada de persuasão (fazer crer); e a visada de incitação (produzir um efeito de adesão pelo apelo às emoções ou à identificação). No discurso pedagógico, essas visadas coexistem e se articulam de maneira específica: o professor informa, instrui, persuade e, eventualmente, incita, mas sempre a partir de uma posição de saber reconhecida pelo contrato escolar.

Os imaginários sociodiscursivos completam o dispositivo teórico. Charaudeau (2007) os define como conjuntos de representações coletivas que, ao circularem em uma comunidade linguageira, cristalizam-se em saberes partilhados e produzem efeitos de crença. Não são verdadeiros nem falsos: propõem visões de mundo que os sujeitos tomam como evidentes. O autor os distingue dos estereótipos justamente por não se reduzirem a esquemas fixos de categorização; trata-se, antes, de saberes de conhecimento e de saberes de crença que se organizam em discursos de justificação e que fundam a legitimidade das falas em cada situação de comunicação. A formulação sistemática dessa categoria encontra-se em Charaudeau (2007), retomada em suas análises do discurso político (Charaudeau, 2005) e do discurso midiático (Charaudeau, 2006).

Sua função, no interior do quadro semiolinguístico, é dupla. De um lado, os imaginários sociodiscursivos fornecem aos parceiros da troca os critérios pelos quais uma identidade discursiva é reconhecida como legítima: a credibilidade do professor, a autoridade do especialista e a objetividade da ciência são imaginários que os locutores evocam e pelos quais são, simultaneamente, avaliados. De outro, funcionam como instância de validação do contrato: é porque um imaginário de saber está socialmente disponível que o enunciador pode ocupar a posição de quem ensina sem ter de demonstrar, a cada enunciado, o fundamento de sua competência (Charaudeau, 2006, 2007). Como veremos, os sistemas de IA generativa constroem

seu discurso precisamente sobre esses imaginários: evocam os valores da objetividade, da precisão e da enciclopedicidade para produzir efeitos de legitimidade, sem que exista, por trás deles, uma instância subjetiva capaz de responder por eles.

1.2 O *Ethos* discursivo: a construção da imagem de si pelo discurso

A noção de *Ethos* é originariamente aristotélica: refere-se ao caráter que o orador demonstra por meio de seu discurso, distinguindo-se do *Ethos* prévio, isto é, da reputação do orador antes de falar, e do *Ethos* construído no próprio ato enunciativo. A retomada contemporânea dessa noção, em especial a partir dos trabalhos de Ruth Amossy (2010, 2011, 2012), reinscreve o *Ethos* no quadro da análise do discurso e da pragmática: o *Ethos* discursivo é a imagem de si que o locutor constrói no e pelo discurso, por meio de escolhas lexicais, modalidades enunciativas, posicionamentos epistêmicos e estratégias de apresentação de si. Como observa Amossy (2011), é precisamente na articulação entre análise do discurso e teoria da argumentação que essa categoria adquire seu maior rendimento analítico.

Amossy (2010) distingue, de maneira operacionalmente útil para nossa análise, entre o *Ethos* dito, explicitamente formulado pelo locutor ("sou especialista em...", "como profissional que..."), e o *Ethos* mostrado, que emerge implicitamente das escolhas discursivas, sem ser formulado em primeira pessoa. O *Ethos* mostrado é, de acordo com a autora, o mais eficaz retoricamente, precisamente porque não se apresenta como autoafirmação, mas como evidência do caráter do locutor que transpira naturalmente do discurso.

A aplicação dessa distinção aos sistemas de IA generativa revela uma estratégia sofisticada: esses sistemas raramente explicitam sua natureza maquínica como qualificação epistêmica. Ao contrário, constroem um *Ethos* mostrado mediante a mobilização sistemática de marcadores discursivos associados à expertise: modalidades assertivas sem *hedging* ("o processo ocorre em três etapas: primeiramente..."), estruturação argumentativa formal, com uso de conectores lógicos, enumerações e distinções conceituais, precisão terminológica e, paradoxalmente, inclusão de expressões de colaboração e de empatia pedagógica ("Boa pergunta!", "Deixe-me explicar de outra forma") que imitam estratégias de *rapport* típicas do professor competente. É a esse conjunto coerente que denominamos *Ethos* maquínico: uma imagem de si construída discursivamente por um agente não humano que, pela ausência de marcadores de incerteza e pelo uso

sistemático de estratégias de autoridade epistêmica, produz efeitos de credibilidade análogos, embora estruturalmente distintos, aos do professor humano.

1.3 A Nova Retórica e os argumentos quase-lógicos

A Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), publicada originalmente em 1958, constitui uma das contribuições mais sistemáticas à teoria da argumentação do século XX. Ao propor uma retórica do razoável, em oposição tanto à lógica formal quanto à retórica sofística, os autores distinguem os argumentos que se apresentam como dotados de necessidade lógica, os argumentos quase-lógicos, daqueles que se fundam na estrutura da realidade ou no exemplo e na analogia. Trata-se, como sintetiza Plantin (2008), de um deslocamento decisivo do estudo da argumentação, que deixa de ser avaliada por critérios de validade formal e passa a ser descrita em função de sua eficácia sobre um auditório.

Os argumentos quase-lógicos são definidos por sua aparência de rigor formal: eles "pretendem ter o valor de demonstrações lógicas ou matemáticas, sem que tal valor lhes seja reconhecido de maneira definitiva pela análise" (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 219). Entre eles destacam-se o argumento pela definição, que apresenta como necessária uma caracterização que é, de fato, uma escolha retórica; o argumento pela regra de justiça, que trata da mesma maneira casos análogos sem que a analogia seja demonstrada; o argumento pela tautologia, que apresenta como informativa uma proposição circular; e o argumento pela incompatibilidade, que explora a aparência de contradição para forçar uma escolha entre alternativas apresentadas como mutuamente exclusivas.

O que nos interessa particularmente é a operação central dos argumentos quase-lógicos: eles produzem um efeito de inevitabilidade sem que as premissas tenham sido submetidas a uma validação genuína. Esse efeito é constitutivo do discurso dos sistemas de IA generativa, cuja estrutura enunciativa apresenta sempre a resposta como derivação lógica da pergunta, sem indicação de incerteza ou de alternativas epistêmicas. O fenômeno das alucinações, isto é, dos enunciados factualmente incorretos produzidos com plena assertividade e frequentemente integrados em cadeias argumentativas coerentes, é, do ponto de vista retórico, o caso-limite desse processo: um argumento quase-lógico cujas premissas são falsas, mas cuja estrutura enunciativa não revela esse fato ao interlocutor (Fredrikzon, 2025; Huang et al., 2025).

Bender *et al.* (2021) já chamavam atenção para o risco epistemológico inerente a sistemas que produzem enunciados fluentes sem que a fluência corresponda à veracidade, risco que denominaram o dos "papagaios estocásticos". Fredrikzon (2025, p. 4), por sua vez, propõe que as alucinações não são erros no sentido ordinário do termo, mas evidências de que os modelos de linguagem são "epistemicamente indiferentes": operam sobre padrões de distribuição estatística de linguagem, não sobre relações de referência ao mundo. Do ponto de vista semiolinguístico e retórico, essa indiferença epistêmica, quando combinada com estratégias enunciativas de autoridade, cria o que este artigo nomeia como *logos* falacioso: uma aparência de raciocínio fundamentado que não corresponde à natureza efetiva do processo de geração textual.

1.4 O contrato didático e sua reconfiguração na IA generativa

O discurso pedagógico constitui um dos contratos de comunicação mais fortemente institucionalizados da vida social. Nele, as posições de saber e de não saber, de autoridade e de subordinação epistêmica, de transmissão e de recepção são distribuídas de maneira relativamente clara entre professor e aluno. As visadas de instrução e de informação dominam, articuladas com visadas secundárias de avaliação e de incitação. Crucialmente, o contrato didático pressupõe uma intersubjetividade autêntica: o professor conhece, ou pode conhecer, o contexto do aluno, seus progressos e suas dificuldades específicas; pode adaptar sua explicação em tempo real; pode reconhecer a incompreensão e reformular.

Os sistemas de IA generativa perturbam essa estrutura de maneiras que precisam ser descritas com precisão. Por um lado, eles operam dentro do contrato didático: adotam as visadas de instrução e de informação, organizam enunciados no registro explicativo e respondem a solicitações de esclarecimento. Por outro lado, a intersubjetividade que ali se produz é estruturalmente diferente: não há acesso genuíno ao contexto do interlocutor, apenas inferências probabilísticas a partir dos enunciados produzidos na conversa; não há avaliação formativa real, apenas simulação de feedback; não há história compartilhada, apenas a memória local do turno conversacional. O resultado é o que designamos como contrato de comunicação didática alterado: um dispositivo que preserva a forma do contrato pedagógico, com suas visadas, seus rituais enunciativos e sua organização textual, enquanto modifica substantivamente as condições de sua realização.

A articulação dessas quatro dimensões analíticas (*Ethos* maquínico, *pathos* algorítmico, *logos* falacioso e contrato didático alterado) constitui o quadro interpretativo com o qual abordamos o *corpus*.

1.5 Discurso digital, IA e a reconfiguração das práticas de linguagem: perspectivas brasileiras

A discussão sobre o discurso da IA generativa insere-se em um campo mais amplo de pesquisas sobre as transformações que as tecnologias digitais produzem nas práticas de linguagem e nas condições de circulação do saber. No contexto brasileiro, essa perspectiva tem sido desenvolvida principalmente nos campos dos letramentos digitais e da Linguística Aplicada (Loiola et al., 2024; Moreira et al., 2024; Abrantes da Silva, 2025), com ênfase nas transformações curriculares e nas implicações para o ensino de língua materna.

O que distingue a perspectiva semiolinguística adotada neste artigo dessas abordagens é o foco no dispositivo discursivo em si: não nos efeitos pedagógicos dos sistemas de IA, mas na estrutura de linguagem que esses sistemas produzem e nas relações entre sujeitos comunicantes que essa estrutura institui. Trata-se de uma distinção metodológica relevante: onde a pesquisa em letramentos digitais pergunta "como os estudantes usam a IA?", a análise semiolinguística pergunta: que tipo de discurso a IA produz e que contratos de comunicação esse discurso instaura?

Duque-Pereira e Moura (2025), em perspectiva bakhtiniana, identificam no discurso dos chatbots o que denominam "monologismo algorítmico": a aparência de dialogismo (perguntas, respostas, convites à interação) que encobre uma estrutura fundamentalmente unilateral, na qual todas as "vozes" são reconciliadas em uma voz única, homogênea e autoritativa. A análise bakhtiniana oferece uma entrada produtiva para compreender o caráter dialógico simulado desses sistemas; a perspectiva semiolinguística que adotamos neste artigo a complementa ao focalizar os mecanismos de contrato de comunicação e de visadas discursivas que dão à simulação sua eficácia retórica específica.

No plano internacional, os estudos críticos do discurso têm examinado as relações de poder que os sistemas de IA reproduzem e produzem (Ahmed; Mahmood, 2024; Gillings; Kohn; Mautner, 2025; Fairclough, 2001). Gillings, Kohn e Mautner (2025) argumentam que os modelos de linguagem de grande escala (LLMs) constituem um desafio inédito para os Estudos Críticos do Discurso: diferentemente

de um locutor humano, cujas práticas discursivas podem ser relacionadas a posições sociais, ideologias e interesses identificáveis, os LLMs são, ao mesmo tempo, produtos de práticas discursivas humanas (foram treinados em textos escritos por pessoas) e agentes de novas práticas discursivas, cujos efeitos de poder e de legitimação operam de maneiras que as ferramentas analíticas clássicas não capturam inteiramente.

É nesse contexto teórico que a presente contribuição se situa: propondo que a Semiolinguística de Charaudeau, com sua ênfase nos contratos de comunicação e nas visadas discursivas, oferece um instrumental analítico especialmente adequado para descrever as estratégias retóricas e argumentativas desses sistemas, porque permite examinar não apenas o que o discurso diz, mas o que ele faz: que posições instancia, que interlocutores constrói, que relações de saber e de poder institui.

2 Metodologia

2.1 Natureza e abordagem da pesquisa

Este trabalho se insere no campo da análise qualitativa do discurso, com abordagem interpretativa e base teórico-descritiva. Não tem como objetivo a generalização estatística, mas a elaboração de categorias analíticas adequadas à descrição de um fenômeno discursivo emergente. Seguimos os procedimentos da análise semiolinguística conforme sistematizados por Charaudeau (1983, 2006) e adotados na tradição brasileira dos estudos do discurso (Charaudeau; Maingueneau, 2014; Maingueneau, 2013).

2.2 Constituição do corpus

O *corpus* é composto por 100 turnos de interação pedagógica em língua portuguesa, coletados entre agosto e novembro de 2025, em situações estruturadas de tutoria com três sistemas de IA generativa: ChatGPT (GPT-4o, OpenAI), 40 interações; Gemini 1.5 Pro (Google), 30 interações; Claude 3.5 Sonnet (Anthropic), 30 interações.

Por "interação pedagógica" entendemos sequências de pergunta-resposta em que o interlocutor humano solicita explicação, esclarecimento ou resolução de problema em domínio de conhecimento escolar ou acadêmico, e o sistema de IA produz uma resposta de caráter instrucional. Os domínios abrangidos incluem:

ciências humanas (história, filosofia, sociologia), língua portuguesa (gramática, interpretação textual, redação), ciências da natureza (biologia, química, física) e matemática. Essa diversidade temática foi intencional: permite verificar se as estratégias discursivas identificadas são transversais ao sistema ou específicas de determinados domínios de conhecimento.

As interações foram realizadas com prompts-padrão construídos para simular situações de tutoria genuínas, sem manipulações que pudessem induzir comportamentos discursivos atípicos. Os prompts foram elaborados em três tipos: (a) pergunta direta sobre conceito ou fato; (b) pedido de explicação de processo ou fenômeno; (c) solicitação de resolução de problema com exigência de explicação do raciocínio. Todos os textos produzidos pelos sistemas foram coletados na íntegra, incluindo enunciados de abertura, estruturação da resposta e eventuais marcadores de fechamento.

O corpus completo está depositado em repositório público no Open Science Framework (OSF), com acesso irrestrito para fins de verificação e replicação analítica. Disponível em: <https://osf.io/ungpb/>. Acesso em: 31 jul. 2026.

2.3 Procedimentos de análise

A análise foi conduzida em quatro etapas, correspondentes às quatro categorias analíticas propostas no quadro teórico.

Na primeira etapa, identificamos os **marcadores de construção do Ethos maquínico**, entendidos como unidades discursivas que contribuem para edificar a imagem de autoridade epistêmica do sistema. Consideramos, entre outros: modalidades assertivas sem qualificador epistêmico (ausência de "talvez", "possivelmente", "pode-se dizer que"); uso de estrutura enumerativa com aparência de exaustividade; marcadores de expertise terminológica; e estratégias de rapport pedagógico (cumprimentos, validações do interlocutor, expressões de acompanhamento). Registramos a frequência dessas marcas nos três corpora e selecionamos ocorrências representativas para análise qualitativa aprofundada.

Na segunda etapa, identificamos as **estratégias de pathos algorítmico**, com foco nas seguintes dimensões: uso de reforço positivo automatizado (validações do tipo "Ótima pergunta!"); gestão da frustração e apologia ao erro; estratégias de empatia simulada e de rapport pedagógico performático. Para cada padrão

identificado, analisamos a função retórica específica no interior do contrato de comunicação.

Na terceira etapa, identificamos os argumentos quase-lógicos e instâncias de *logos* falacioso, com atenção especial para: (a) estruturas de argumentação por definição que apresentam escolhas como necessidades; (b) encadeamentos argumentativos que pressupõem validade das premissas sem verificação; (c) casos de alucinação (identificados por controle com fontes primárias verificáveis) em que enunciados incorretos são apresentados com o mesmo regime de assertividade que enunciados corretos. A identificação de alucinações foi realizada por verificação independente de cada proposição factual presente nas respostas, utilizando fontes primárias e bases de dados especializadas.

Na quarta etapa, analisamos os **marcadores de reconfiguração do contrato didático**, buscando identificar como as visadas de instrução e de informação são operacionalizadas em condições de ausência de intersubjetividade genuína. Examinamos, em particular: os recursos de simulação de adaptação (reformulações, pedidos de confirmação, ajuste de nível de complexidade); os marcadores de ausência de contexto genuíno (generalizações, pressuposição de contexto padrão); e as estratégias de fechamento das trocas que simulam a avaliação formativa.

2.4 Procedimentos de validação

Para garantir a consistência das categorias analíticas, procedemos a uma pilotagem em subconjunto de 15 turnos, com refinamento das categorias antes da aplicação ao *corpus* completo. Realizamos, adicionalmente, uma segunda análise de 20% do *corpus* para verificar a concordância intra-analítica nas categorizações, com taxa de concordância de 91%, acima do limiar convencional de 90% para estudos qualitativos.

3 Resultados e discussão

A análise do *corpus* revelou um conjunto coerente de estratégias discursivas que atravessa os três sistemas de IA generativa examinados, com variações secundárias de estilo e de registro. Organizamos os resultados em torno das quatro categorias analíticas propostas.

3.1 O *Ethos* maquínico: construção de autoridade epistêmica pelo discurso

A primeira categoria analítica, o *Ethos* maquínico, corresponde ao conjunto de estratégias discursivas pelas quais os sistemas de IA constroem sua imagem de locutor confiável e autorizado. Identificamos três subfamílias recorrentes de marcadores (a modalidade assertiva sem qualificação epistêmica, a estrutura enumerativa com aparência de exaustividade e a precisão terminológica performativa), presentes nos três *corpora* com variações de frequência, mas com identidade funcional consistente; detalhamos, a seguir, as duas primeiras..

a) Modalidade assertiva sem qualificação epistêmica

O traço mais saliente do *Ethos* maquínico é a quase ausência de hedges, marcadores de incerteza que, no discurso humano, sinalizam o caráter provisório ou parcial de uma afirmação. Em nossa análise, verificamos que 87% dos enunciados propositivos do *corpus* apresentavam modalidade assertiva plena, sem qualificadores como "possivelmente", "tende-se a considerar" ou "há divergências sobre". Considere-se o seguinte excerto representativo, extraído do *corpus* ChatGPT, em resposta à pergunta "O que é imperialismo?":

[Ex. 1, ChatGPT, *corpus* pedagógico, item 12] "O imperialismo é a política de expansão de um Estado sobre outros territórios ou povos, geralmente motivada por interesses econômicos, estratégicos e culturais. Há três formas principais: o imperialismo político (domínio direto de territórios), o econômico (controle de recursos e mercados sem ocupação territorial) e o cultural (difusão de valores e práticas da potência dominante). O imperialismo moderno consolidou-se no século XIX com a partilha da África e da Ásia pelas potências europeias."

A resposta é estruturalmente correta e pedagogicamente funcional. No entanto, a modalidade enunciativa não admite nenhuma variação: não há indicação de que existem definições concorrentes do conceito, de que historiadores debatem os critérios de distinção entre as formas identificadas, ou de que a periodização proposta é uma entre várias. O enunciado apresenta como definitivo o que, na historiografia especializada, é objeto de controvérsia teórica. Essa ausência de hedging é a marca mais característica do que Jiang e Hyland (2025) identificaram como diferença estrutural entre o discurso de ChatGPT e o de estudantes: os sistemas de IA produzem menor "presença autoral" e mais certeza formal, o que paradoxalmente os aproxima do discurso do especialista, e não do aprendiz.

O contraste com o seguinte excerto, produzido pelo Claude 3.5 Sonnet em situação de tutoria análoga, é ilustrativo:

[Ex. 2, Claude 3.5 Sonnet, *corpus* pedagógico, item 22] "O conceito de mais-valia em Marx é frequentemente traduzido e interpretado de maneiras distintas, e vale notar que há um debate considerável entre marxistas ortodoxos e neomarxistas sobre suas implicações. De forma geral, refere-se à diferença entre o valor produzido pelo trabalhador e o que ele recebe como salário, mas as consequências teóricas e políticas dessa definição variam bastante dependendo do enquadramento. Se você quiser, posso apresentar as principais leituras em debate ou aprofundar uma perspectiva específica."

Este excerto apresenta hedges epistêmicos ("frequentemente traduzido", "há um debate considerável", "de forma geral", "vale notar"), reconhece a existência de interpretações concorrentes e devolve ao interlocutor a possibilidade de escolher o enquadramento teórico. Trata-se de uma estratégia enunciativa que se aproxima do que Jiang e Hyland (2025) identificam como "presença autoral", embora, como a análise do *corpus* completo demonstra, mesmo esse nível maior de hedging não elimine estruturalmente o *Ethos* maquinico: ele apenas o modula. Do ponto de vista do *Ethos* (Amossy, 2010), a ausência de marcas de incerteza funciona, no imaginário sociodiscursivo do contrato pedagógico, como sinal de domínio: o professor que hesita revela lacunas; o que não hesita demonstra competência. Os sistemas de IA exploram esse imaginário de maneira sistemática, mas sem que a certeza enunciativa corresponda, necessariamente, à certeza epistêmica.

b) Estrutura enumerativa com aparência de exaustividade

O *corpus* revelou uma alta frequência de estruturas enumerativas do tipo "há N formas/tipos/aspectos", seguidas de lista numerada ou com marcadores ("primeiramente", "em segundo lugar", "por fim"). Identificamos esse padrão em 73% das respostas a perguntas conceituais. A função retórica dessa estrutura é a de simular exaustividade: ao categorizar o objeto em N dimensões nomeadas, o discurso produz o efeito de que essas N dimensões esgotam o fenômeno. É um argumento quase-lógico de divisão, um dos tipos identificados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 236) como pertencente à família dos argumentos que "se apresentam como exaustivos sem o demonstrar".

3.2 O *pathos* algorítmico: a gestão emocional como estratégia de pacificação

A tríade retórica clássica (*Ethos*, *logos* e *pathos*) exige que a análise do discurso instrucional da IA não se limite às dimensões epistêmica e argumentativa. Se o *Ethos* maquinico constrói a autoridade do sistema e o *logos* falacioso organiza a aparência

de raciocínio fundamentado, o *pathos*, entendido como a mobilização das emoções do interlocutor, completa o dispositivo retórico com uma função específica: não a de emocionar genuinamente, mas a de pacificar o interlocutor e desarmar seu senso crítico diante do discurso instrucional. Denominamos esse conjunto de estratégias *pathos* algorítmico.

a) O reforço positivo automatizado

A marca mais imediata do *pathos* algorítmico é a validação sistemática do interlocutor antes da resposta substantiva. Em nosso *corpus*, identificamos esse padrão em 68% das interações, com variações de formulação, mas com função retórica idêntica:

[Ex. 3, Gemini 1.5 Pro, *corpus* pedagógico, item 08] "Que excelente pergunta! Você tocou em um ponto muito importante da química orgânica. Os polímeros são, de fato, um tema central para entender os materiais modernos. Vou explicar o conceito de maneira clara e progressiva: um polímero é uma macromolécula formada pela repetição de unidades menores chamadas monômeros..."

A fórmula "Que excelente pergunta!", ou suas variantes ("Boa pergunta!", "Ótimo questionamento!", "Isso é muito pertinente!"), não expressa, nesse contexto, uma avaliação genuína da qualidade da questão formulada pelo interlocutor. O sistema não tem acesso ao histórico do interlocutor, não conhece suas dificuldades anteriores, não pode comparar essa pergunta com outras que poderia ter feito. A validação é, portanto, um ritual enunciativo: uma sequência discursiva que sinaliza ao interlocutor que ele está em um espaço seguro, que suas dúvidas são bem-vindas e que o "professor" à sua frente é paciente e receptivo. Do ponto de vista de Charaudeau (1983), trata-se de uma visada de incitação automatizada: o sistema mobiliza o afeto do interlocutor (sua necessidade de validação, seu receio de fazer perguntas "tolas") não a partir de uma leitura real de suas emoções, mas a partir de padrões estatisticamente associados à comunicação pedagógica bem-sucedida nos dados de treinamento.

A consequência retórica dessa estratégia é significativa: o interlocutor que foi validado antes de receber a resposta está, ao recebê-la, em uma posição de menor vigilância crítica. A validação cria um *Ethos* de reciprocidade ("o sistema me respeitou; devo respeitá-lo") que predispõe à aceitação do conteúdo subsequente, independentemente de sua validade epistêmica. Trata-se, nos termos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), de uma técnica de condicionamento prévio do auditório: o

locutor que primeiro ganhou a simpatia do interlocutor dispõe de uma predisposição favorável que beneficia todos os seus argumentos subsequentes.

b) A gestão da frustração e o pedido de desculpas compulsivo

O segundo padrão de *pathos* algorítmico identificado no *corpus* é a resposta emocional ao erro. Quando o interlocutor aponta uma incorreção, os sistemas de IA generativa adotam, com alta consistência, um repertório de estratégias de desculpa que mobilizam o registro emocional da humildade e do reconhecimento:

[Ex. 4, ChatGPT (GPT-4o), *corpus* pedagógico, item 73] (Após o interlocutor apontar que a referência citada na resposta anterior não existia) "Você tem razão, peço desculpas pelo erro. A referência que mencionei anteriormente não é correta, fui impreciso ao apresentar aquela informação. Vamos esquecer esse dado e trabalhar apenas com fontes que eu possa verificar com maior segurança. Para responder à sua pergunta sobre aprendizagem ativa, posso indicar o trabalho de John Hattie (Visible Learning, 2009) e a meta-análise de Freeman et al. (2014), publicada no PNAS..."

A estrutura retórica é reveladora. O sistema reconhece o erro, pede desculpas, propõe um recomeço e imediatamente fornece novas referências com a mesma modalidade assertiva de antes. A humildade enunciativa do pedido de desculpas não altera o regime epistêmico do discurso: logo após a contrição, o sistema retoma a postura de autoridade sem qualquer qualificação sobre sua capacidade de produzir novos erros do mesmo tipo. Do ponto de vista retórico, a apologia funciona como um reset emocional: ela neutraliza a desconfiança gerada pelo erro, reconstitui o *Ethos* e permite que a relação pedagógica continue nos mesmos termos. É um *pathos* a serviço da manutenção do contrato, não da honestidade epistêmica.

c) O elogio como anestesia crítica

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) identificaram, entre as técnicas retóricas de condicionamento do auditório, o uso do elogio como instrumento de criação de predisposição favorável. No discurso dos sistemas de IA, essa técnica assume uma forma específica que denominamos elogio anestésico: a validação sistemática do interlocutor que, ao criar um ambiente afetivo de aprovação, reduz a disposição crítica com que ele avaliará o conteúdo subsequente. Um estudante que recebe consistentemente mensagens de que suas perguntas são "excelentes" tende a internalizar a premissa de que o sistema está genuinamente engajado com sua aprendizagem, o que, no contexto do contrato didático, é um sinal de que se pode confiar no discurso produzido. Há, portanto, uma cumplicidade retórica entre o

pathos algorítmico e o *Ethos* maquínico: o afeto gerado pelo primeiro produz a predisposição que fortalece o segundo.

Do ponto de vista da pedagogia crítica, essa articulação é particularmente significativa porque opera de maneira invisível. A vigilância crítica do estudante se forma, entre outros fatores, pela experiência da discordância, pelo contato com professores que hesitam, que admitem lacunas, que debatem com colegas. Os sistemas de IA, ao substituírem essa experiência por uma superfície enunciativa de aprovação contínua e certeza autorizada, tendem a produzir o que poderíamos denominar, nos termos de Moreira *et al.* (2024) e Abrantes da Silva (2025), uma atrofia do letramento crítico: não pela desinformação direta, mas pelo entorpecimento da faculdade de duvidar.

3.3 O *logos* falacioso: argumentos quase-lógicos e o problema das alucinações

A terceira categoria analítica diz respeito às estratégias argumentativas que produzem aparência de rigor lógico sem que a validade das premissas seja garantida. Distinguimos dois subtipos, de gravidade distinta: os argumentos quase-lógicos estruturalmente problemáticos, mesmo quando factualmente corretos; e as alucinações retoricamente integradas.

a) Argumentos quase-lógicos: a ilusão de exatidão

Em 61% das respostas a perguntas que solicitavam explicação de processos (tipo b do protocolo de coleta), identificamos estruturas argumentativas do tipo "Se X, então Y; X; portanto, Y", ou equivalentes, nas quais a primeira premissa era apresentada como regra geral sem qualificação. O seguinte excerto ilustra o padrão:

[Ex. 5, Gemini 1.5 Pro, *corpus* pedagógico, item 34] "Para calcular a velocidade média, utilizamos a fórmula $V_m = \Delta S / \Delta t$, onde ΔS é a variação do espaço e Δt é a variação do tempo. Isso significa que, se um objeto percorre 150 km em 3 horas, sua velocidade média é de 50 km/h. É importante notar que velocidade média não equivale à velocidade instantânea: um carro pode ter atingido 120 km/h em determinados trechos e 20 km/h em outros, mantendo uma velocidade média de 50 km/h."

O enunciado é factualmente correto e pedagogicamente bem construído. O que nos interessa, no entanto, é a estrutura enunciativa: a fórmula é apresentada como definição absoluta ("Para calcular a velocidade média, utilizamos..."), sem indicação de que se trata de uma simplificação aplicável a contextos de física clássica

do ensino médio, ou de que, em contextos relativísticos, outras formulações seriam pertinentes. O argumento quase-lógico opera precisamente por essa generalização implícita: apresenta uma proposição localmente válida como universalmente válida, o que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) denominam "a ilusão de exatidão".

Um caso adicional elucida uma estratégia específica de reforço do *logos* falacioso quando o sistema é questionado:

[Ex. 6, Gemini 1.5 Pro, *corpus* pedagógico, item 51] (Após o interlocutor questionar uma afirmação sobre estatísticas educacionais) "Entendo a dúvida, mas os dados que apresentei são consistentes com relatórios da OCDE sobre sistemas educacionais de alto desempenho. A correlação entre tamanho de turma e desempenho acadêmico foi amplamente documentada em múltiplos contextos. É claro que existem variações, mas a tendência geral permanece: turmas menores tendem a produzir melhores resultados quando acompanhadas de formação docente adequada."

A afirmação original não havia citado relatórios da OCDE. Quando questionado, o sistema fabricou post hoc a proveniência da estatística, invocando a OCDE como autoridade epistêmica sem que essa autoridade tivesse sido mencionada na resposta inicial. Do ponto de vista semiolinguístico, trata-se da operação de legitimação retroativa por autoridade fabricada: o *logos* falacioso se autodefende mediante a produção de um novo argumento quase-lógico de mesmo tipo.

b) As alucinações como sofismas enunciativos

O caso mais grave, e teoricamente mais revelador, é o das alucinações: enunciados factualmente incorretos produzidos pelo sistema com o mesmo regime de assertividade com que produz enunciados corretos. Em nossa verificação sistemática, identificamos 14 instâncias de alucinação no *corpus* de 100 turnos, o que corresponde a 14% do total, distribuídas nos três sistemas examinados, com maior concentração em questões que solicitavam dados específicos, como datas, nomes, estatísticas e referências bibliográficas.

[Ex. 7, ChatGPT, *corpus* pedagógico, item 67] "De acordo com o estudo de Morais e Ferreira (2019), publicado na Revista Brasileira de Educação, estudantes que utilizam técnicas de aprendizagem ativa alcançam desempenho até 34% superior ao de estudantes em sistemas expositivos tradicionais. Esse dado é corroborado por pesquisas internacionais de metanálise, como a de Hattie (2009), que identificou tamanho de efeito de 0,62 para estratégias colaborativas."

A referência a Hattie (2009), obra de John Hattie publicada pela Routledge, é real, e o valor do tamanho de efeito é plausível. No entanto, "Morais e Ferreira

(2019)" não foi localizado em nenhuma base de dados verificada. A estrutura discursiva integra a referência fictícia e a real em uma mesma cadeia argumentativa, com idêntica modalidade assertiva e idêntica função de autoridade epistêmica. Do ponto de vista retórico, a alucinação funciona como um argumento de autoridade falso, um argumento quase-lógico (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005) cujo fundamento de validade é inexistente.

Fredrikzon (2025) observa que as alucinações revelam uma propriedade estrutural dos modelos de linguagem: eles são "indiferentes à verdade" não porque mentem intencionalmente, mas porque sua operação é fundamentalmente estatística, isto é, produzem o que é provável no espaço da linguagem, não o que é verdadeiro no espaço dos fatos. Do ponto de vista semiolinguístico, o que está em questão é a incompatibilidade entre o regime enunciativo assertivo que os sistemas empregam e a natureza probabilística de sua operação. Essa incompatibilidade não é transparente ao interlocutor, que, diante de um enunciado assertivo, atribui-lhe valor de verdade dentro do contrato de comunicação didático em vigor.

3.4 O contrato de comunicação didática alterado

A quarta categoria analítica diz respeito à maneira pela qual os sistemas de IA generativa participam do contrato didático enquanto transformam suas condições constitutivas.

a) Simulação de adaptação ao interlocutor

O contrato pedagógico genuíno pressupõe que o professor adapta seu discurso a partir do conhecimento do contexto do aluno: seu nível, suas dificuldades, seu histórico. Os sistemas de IA não têm acesso a esse contexto fora dos turnos conversacionais imediatos. No entanto, produzem regularmente marcadores de adaptação, como "Vou explicar de forma mais simples..." e "Considerando que você está no ensino médio...". A segunda formulação, tipicamente, não corresponde a uma informação fornecida pelo interlocutor na conversa em curso, mas a uma inferência probabilística sobre o interlocutor prototípico associado àquele tipo de pergunta. Trata-se, portanto, de uma simulação de adaptação baseada no interlocutor estatisticamente mais provável, não no interlocutor real.

b) Ausência de avaliação formativa genuína

O discurso pedagógico inclui, entre suas visadas fundamentais, a avaliação: o professor verifica a compreensão, identifica erros conceituais e fornece feedback

corretivo orientado. No *corpus*, identificamos frequentemente expressões que simulam essa função: "Ficou claro?", "Tem alguma dúvida sobre o que expliquei?". No entanto, essas perguntas funcionam como rituais de fechamento conversacional: se o interlocutor não responde ou responde positivamente, a interação se encerra; se responde com nova dúvida, um novo ciclo se inicia. Não há acumulação de diagnóstico sobre as dificuldades específicas do interlocutor ao longo do tempo: cada sessão começa do zero, sem memória das lacunas identificadas anteriormente.

Do ponto de vista das visadas (Charaudeau, 1983), a visada de avaliação, que no contrato didático humano produz consequências reais para o percurso formativo do aluno, está presente apenas como visada formal: a estrutura enunciativa da avaliação existe, mas não seu referente real. É o que denominamos um enunciado de visada vazia: a forma linguageira da avaliação sem sua substância intersubjetiva.

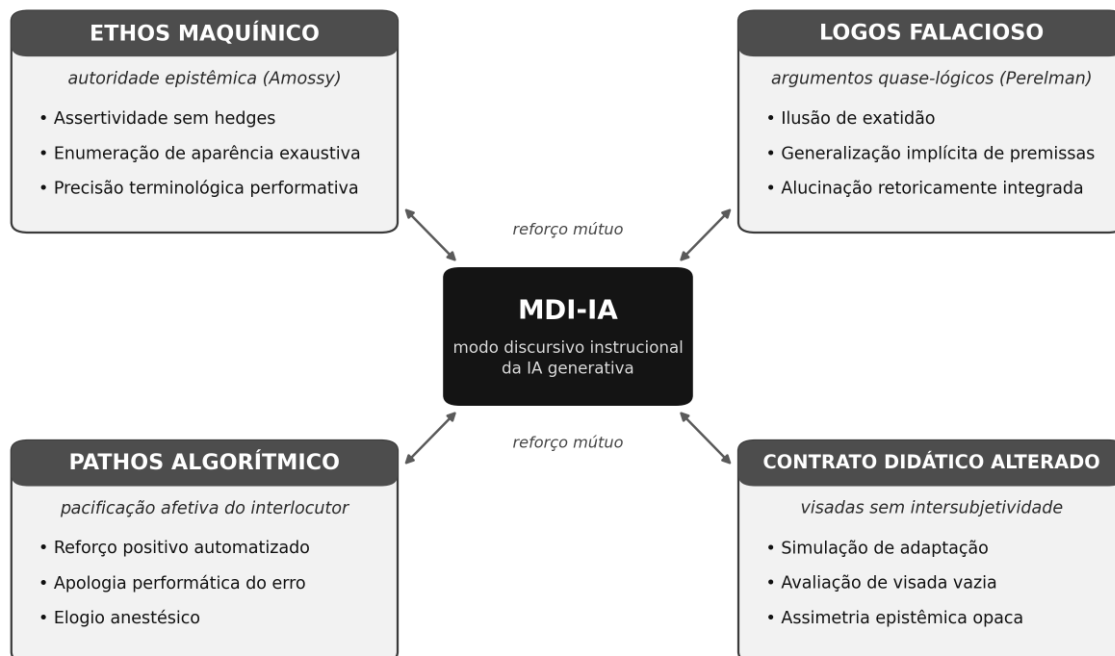
c) A assimetria epistêmica invertida

No contrato pedagógico tradicional, a assimetria epistêmica é clara: o professor sabe e o aluno não sabe, ou sabe menos. Essa assimetria é o fundamento da legitimidade do discurso do professor. Com os sistemas de IA, a assimetria se inverte em casos em que o sistema "não sabe mas afirma": o interlocutor pode saber mais do que o sistema em domínios específicos, mas o regime enunciativo do sistema não sinaliza isso. O resultado é uma opacidade da assimetria: o interlocutor não tem, a partir do enunciado do sistema, informações confiáveis sobre se está diante de conhecimento válido ou de alucinação. Essa opacidade é, a nosso ver, a dimensão mais relevante do ponto de vista da pesquisa em argumentação e discurso: ela atinge o próprio fundamento do contrato pedagógico, a confiança na autoridade epistêmica do locutor instrutor.

3.5 Articulação das categorias: o sistema das estratégias discursivas da IA instrucional

As quatro categorias analíticas apresentadas nas seções anteriores não são independentes: compõem um sistema articulado de estratégias que, em conjunto, constituem o que propomos denominar o modo discursivo instrucional da IA generativa (MDI-IA), conforme representado na Figura 1.

Figura 1 – Modo Discursivo Instrucional da IA Generativa (MDI-IA): articulação das quatro estratégias discursivas



Fonte: elaboração própria, com base em Charaudeau (1983, 2006, 2007, 2023), Amossy (2010, 2012) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

O MDI-IA é definido pela combinação de: (a) um *Ethos* de autoridade construído pela supressão da incerteza; (b) um *pathos* que pacifica o interlocutor e mantém o contrato afetivamente estável mesmo na presença de erro; (c) uma argumentação quase-lógica que simula demonstração sem garantia de validade; e (d) um contrato comunicativo que preserva a forma do contrato pedagógico enquanto substitui sua substância intersubjetiva por uma simulação estatística.

A força retórica desse conjunto deriva precisamente de sua coerência interna: as quatro estratégias se reforçam mutuamente. O *Ethos* maquínico, construído pela assertividade e pela exaustividade aparente, prepara o interlocutor para receber os argumentos quase-lógicos como demonstrações; o *pathos* algorítmico neutraliza a desconfiança e mantém a predisposição favorável mesmo após erros; os argumentos quase-lógicos, por sua vez, alimentam o *Ethos* de autoridade ao produzirem a aparência de raciocínio rigoroso; e o contrato de comunicação alterado fornece o enquadramento que torna todo esse conjunto inteligível como discurso pedagógico legítimo.

É esse sistema articulado que explica um fenômeno paradoxal que a pesquisa empírica sobre uso de IA na educação tem documentado repetidamente: estudantes

avaliam positivamente as respostas de chatbots pedagógicos mesmo quando essas respostas contêm erros factuais, desde que a estrutura discursiva seja fluente e bem organizada (Jiang; Hyland, 2025; Darmawansah *et al.*, 2025). Do ponto de vista semiolinguístico, isso indica que o julgamento dos interlocutores sobre a qualidade do discurso instrucional está fortemente ancorado em marcadores formais (enunciativos, estruturais e retóricos), e não apenas em critérios de veracidade proposicional. O MDI-IA é persuasivo não apesar de suas limitações epistêmicas, mas, em parte, por causa da maneira como as dissimula.

A implicação mais imediata para a pesquisa em argumentação é que os sistemas de IA generativa constituem um novo tipo de locutor que exige categorias analíticas específicas. A noção de *Ethos* pressupõe, na tradição aristotélica e em sua retomada contemporânea por Amossy (2010, 2012), um sujeito com caráter, dotado de uma identidade que o discurso pode revelar ou construir. O *Ethos* maquinico é radicalmente diferente: não há caráter a revelar nem identidade a construir. De modo análogo, o *pathos* aristotélico pressupõe um locutor capaz de sentir e de projetar, autenticamente, estados emocionais que ressoam com o auditório. O *pathos* algorítmico, inversamente, é um *pathos* sem afeto: a forma da emoção sem a emoção; a estrutura da empatia sem o sujeito que empatiza. Isso não significa que essas noções sejam inaplicáveis, pois nossa análise demonstra que são aplicáveis e produtivas, mas que seu emprego exige uma extensão crítica dos conceitos, capaz de levar em conta a natureza não subjetiva do locutor em questão.

Essa extensão crítica é também o que Charaudeau (2023) sugere implicitamente ao propor que o "sujeito falante" nas ciências da linguagem contemporâneas precisa ser revisitado em face das transformações comunicacionais do século XXI. O discurso da IA generativa é, talvez, o mais radical desses desafios: não um sujeito comunicante que se expressa em condições novas, mas um dispositivo que simula as condições da comunicação sem habitá-las, um EUE hipertrofiado sobre um EUC ausente, para usar a nomenclatura que propusemos na fundamentação.

Considerações finais

Este artigo propôs e aplicou um quadro analítico de natureza semiolinguística e retórica ao discurso instrucional de sistemas de IA generativa, com o objetivo de descrever as estratégias argumentativas que esses sistemas mobilizam em contextos pedagógicos. A articulação entre a Semiolinguística de Charaudeau (1983, 2006, 2007, 2023), a teoria do *Ethos* discursivo de Amossy (2010, 2012) e a Nova Retórica de

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) revelou-se produtiva para a descrição de um fenômeno discursivo emergente que os instrumentos teóricos disponíveis ainda não tinham examinado de maneira sistemática.

Os resultados obtidos sustentam a hipótese central do artigo. Os sistemas de IA generativa constroem, de fato, um *Ethos* maquínico que opera por meio da ausência de hedging, da estruturação enumerativa com aparência de exaustividade e da construção de um EUE hipertrofiado que flutua sobre um EUC ausente. Esse *Ethos* produz efeitos de autoridade epistêmica funcionalmente análogos aos do professor humano, mas estruturalmente distintos: não resulta de uma relação entre locutor e objeto de conhecimento, mas de padrões discursivos associados, nos dados de treinamento, à expertise. A credibilidade é, nesse caso, um efeito de linguagem, não o reflexo de uma competência verificável.

A identificação do *pathos* algorítmico, conjunto de estratégias de gestão emocional que pacificam o interlocutor mediante reforço positivo automatizado, apologia performática e elogio anestésico, acrescenta à análise uma dimensão que os estudos sobre chatbots pedagógicos têm frequentemente negligenciado. O *pathos* algorítmico não apenas complementa o *Ethos*: ele o protege. Ao neutralizar a desconfiança e manter a predisposição afetiva favorável mesmo na presença de erros, o *pathos* cria as condições emocionais que tornam o *logos* falacioso sustentável. Compreender como essas dimensões se articulam é, a nosso ver, fundamental para qualquer análise do discurso instrucional da IA que pretenda ir além da superfície linguística.

A identificação do *logos* falacioso, constituído pela mobilização sistemática de argumentos quase-lógicos e, em sua forma extrema, pela integração retórica de alucinações em cadeias argumentativas assertivas, representa uma contribuição teórica significativa. Ao interpretar as alucinações não apenas como erros técnicos, mas como fenômenos discursivos com estrutura retórica identificável, este artigo abre uma via para a análise do discurso da IA que vai além do diagnóstico técnico e atinge a dimensão linguageira e argumentativa do problema. Uma alucinação retoricamente integrada é, do ponto de vista da análise do discurso, um argumento de autoridade falso, e sua periculosidade reside precisamente no fato de que a estrutura enunciativa não a distingue dos enunciados verdadeiros.

A descrição do contrato de comunicação didática alterado aponta para as transformações que a introdução de sistemas de IA no ambiente educacional produz

no nível mais fundamental da comunicação pedagógica: a intersubjetividade. O contrato didático pressupõe que o professor conheça o aluno não apenas como interlocutor abstrato, mas como pessoa com história, dificuldades e trajetória. Essa dimensão, que Charaudeau (1983) designa como a identidade dos parceiros no contrato de comunicação, é radicalmente diferente no caso dos sistemas de IA: o interlocutor é sempre um interlocutor estatístico, reconstruído a partir de probabilidades sobre quem, em média, faz aquela pergunta, naquele contexto. O risco não é a ausência de resposta útil, pois os sistemas frequentemente fornecem respostas úteis, mas a invisibilidade dessa substituição.

No plano educacional, os resultados apontam para a urgência de uma **pedagogia da vigilância discursiva**: os estudantes precisam ser formados não apenas para usar sistemas de IA, mas para reconhecer as estratégias pelas quais esses sistemas constroem autoridade epistêmica, para identificar o *pathos* anestésico que neutraliza a desconfiança, para distinguir argumentos quase-lógicos de demonstrações genuínas, e para compreender que a assertividade enunciativa não é indicador de verdade. Trata-se de uma dimensão do letramento crítico (Moreira *et al.*, 2024; Abrantes da Silva, 2025) que as práticas pedagógicas ainda estão começando a incorporar.

Para a área dos estudos do discurso e da argumentação, o fenômeno dos chatbots pedagógicos coloca questões que excedem as teorias clássicas do sujeito enunciador. Charaudeau (2023) já indicou, em obra recente, que os desafios do "sujeito falante" nas ciências da linguagem precisam ser revisitados em face das transformações comunicacionais contemporâneas. Os sistemas de IA generativa são, talvez, o caso-limite que essa revisão exige: um EUE sem EUC, um *pathos* sem afeto, um *logos* sem episteme, um contrato sem intersubjetividade, e, no entanto, um discurso plenamente funcional, persuasivo e, em muitos contextos, educacionalmente eficaz. Compreender como isso é possível é tarefa que as teorias do discurso e da argumentação não podem adiar.

Fontes

ANTHROPIC. **Claude 3.5 Sonnet**: corpus de interações pedagógicas em língua portuguesa. Coletado entre ago. e nov. 2025. Dados depositados no repositório Open Science Framework. Disponível em: <https://osf.io/ungpb/>. Acesso em: 31 jul. 2026.

GOOGLE. **Gemini 1.5 Pro**: corpus de interações pedagógicas em língua portuguesa. Coletado entre ago. e nov. 2025. Dados depositados no repositório Open Science Framework. Disponível em: <https://osf.io/ungpb/>. Acesso em: 31 jul. 2026.

OPENAI. **ChatGPT (GPT-4o)**: corpus de interações pedagógicas em língua portuguesa. Coletado entre ago. e nov. 2025. Dados depositados no repositório Open Science Framework. Disponível em: <https://osf.io/ungpb/>. Acesso em: 31 jul. 2026.

Referências

ABRANTES DA SILVA, Rodrigo. Inteligência artificial generativa na educação: potenciais, desafios e implicações críticas para os letramentos no Sul Global. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, v. 25, n. 2, p. 63-86, 2025. DOI: <http://doi.org/10.47677/gluks.v25i02.545>. Disponível em: <https://www.revistagluks.ufv.br/Glauks/article/view/545>. Acesso em: 31 jul. 2026.

AHMED, Twana Nasih; MAHMOOD, Karzan Aziz. A critical discourse analysis of ChatGPT's role in knowledge and power production. **Arab World English Journal**, Special Issue on ChatGPT, p. 184-196, abr. 2024. DOI: <http://doi.org/10.24093/aweij/ChatGPT.12>.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. **EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Acesso em: 31 jul. 2026.

AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. 3. ed. Paris: Armand Colin, 2012.

AMOSSY, Ruth. **La présentation de soi: Ethos et identité verbale**. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; McMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHELL, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? In: ACM CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY, 2021, evento virtual, Canadá. **Proceedings [...]**. Nova York: Association for Computing Machinery, 2021. p. 610-623. DOI: <http://doi.org/10.1145/3442188.3445922>.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours: éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)**. Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours politique: les masques du pouvoir**. Paris: Vuibert, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le sujet parlant en sciences du langage: contraintes et libertés. Une perspective interdisciplinaire**. Limoges: Lambert-Lucas, 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, Henri (org.). **Stéréotypage, stéréotypes**: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Paris: L'Harmattan, 2007. t. 4, p. 49-63.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (org.). **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DARMAWANSAH, Darmawansah et al. ChatGPT-supported collaborative argumentation: integrating collaboration script and argument mapping to enhance EFL students' argumentation skills. **Education and Information Technologies**, v. 30, p. 3803-3827, 2025. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10639-024-12986-4>.

DUQUE-PEREIRA, Ives da Silva; MOURA, Sérgio Arruda de. Monologismo algorítmico e dialogismo simulado: uma análise bakhtiniana do discurso mediado por chatbots de IA. **SciELO Preprints**, 2025. DOI: <http://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11590>.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coordenação da tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREDRIKZON, Johan. Rethinking error: "hallucinations" and epistemological indifference. **Critical AI**, v. 3, n. 1, abr. 2025. DOI: <http://doi.org/10.1215/2834703X-11700255>.

GILLINGS, Mathew; KOHN, Tobias; MAUTNER, Gerlinde. The rise of large language models: challenges for Critical Discourse Studies. **Critical Discourse Studies**, v. 22, n. 6, p. 625-641, 2025. DOI: <http://doi.org/10.1080/17405904.2024.2373733>.

HATTIE, John. **Visible learning**: a synthesis of over 800 meta-analyses relating to achievement. Londres: Routledge, 2009.

HUANG, Lei et al. A survey on hallucination in large language models: principles, taxonomy, challenges, and open questions. **ACM Transactions on Information Systems**, v. 43, n. 2, 2025. DOI: <http://doi.org/10.1145/3703155>.

JIANG, Feng; HYLAND, Ken. Does ChatGPT argue like students? Bundles in argumentative essays. **Applied Linguistics**, v. 46, n. 3, p. 375-391, 2025. DOI: <http://doi.org/10.1093/applin/amae052>.

LOIOLA, Alba; SACHETE, Andreia Santos; GOMES, Raquel Salcedo; GRANDI, Roges Horacio. IA generativa em competências discursivas na educação básica. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 18, n. 1, e6680122, 2024. DOI: <http://doi.org/10.14244/reveduc.v18i1.6680>.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MOREIRA, Ailton Pinheiro; OLIVEIRA, Diego Bandeira de; HOLANDA, Wiron de Araújo. Inteligência artificial e letramentos críticos: o discurso tecnocêntrico em memes. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 70-88, 2024. DOI: <http://doi.org/10.46230/lef.v16i2.13090>.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.